

BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT DR S.C.



TOMO XVI

Setembro de 1975

No. 9

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Georg Traeger - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Dr. Jucy Varela - Caçador

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVI

SETEMBRO DE 1975

Nº. 9

NOS 125 ANOS DE BLUMENAU

Blumenau comemora a 2 de Setembro de 1975, seus 125 anos de fundação, justo portanto, que se memore algo sobre a vida de seu fundador; Hermann Bruno Otto Blumenau.

Há um detalhe, na vida do fundador de Blumenau, que lhe retrata e lhe define bem o caráter de homem probo, e de empreendedor honesto e justo. É a passagem da carta que ele, num dos momentos mais críticos e difíceis da sua vida, escreveu a um amigo na Alemanha.

Narrando as dificuldades em que vinha tropeçando constantemente, as injustiças e ingratidões que vinha suportando de parte de alguns dos seus colonos, os trabalhos matantes a que se entregava para cumprir as promessas que fizera, Blumenau escreve num comovente desabafo: "Eu não bebo, não jogo e não sou dado a conquistas amorosas, pois quero dar aos meus colonos um bom exemplo. O meu modo de viver é mais do que simples, é quase miserável, pois não quero servir de alvo a críticas e mostrar, que com tenacidade e persistência, consegue-se sempre alguma coisa. O senhor, na velha Europa, com a vida metódica que leva, não pode sequer imaginar tudo o que sofri, Aqueles e mesmos, que maiores benefícios receberam, pagaram-me de uma maneira estúpida, Preciso, porém, esquecer tudo em prol das realizações em que estou empenhado".

Está nesse conceito, o segredo do sucesso que terminou por coroar a obra do grande alemão. Ele venceu na luta pela conquista dos seus ideais porque soube manter-se no mesmo nível daqueles a quem ajudava, sem pretender ser-lhes superior em alguma coisa ou ter privilégios que pudessem despertar a inveja ou a simples má vontade de seus colo-

nos. Estes eram, para ele, a razão de tudo. Sofria com eles e com eles; usufruía dos poucos momentos de alegrias que uma vida cheia de percalços e de sofrimentos podia proporcionar-lhes.

Se é verdade que, desde que, a partir daquela memorável tarde de 2 de setembro de 1850, muitos dos colonos que puseram pé nas margens do "Velha" e do "Garcia" para, com Hermann Blumenau, participarem da tarefa civilizadora da colonização do Vale do Itajaí, foram amigos e companheiros dedicados dos fundadores, ajudando-o e confortando-o, pelo seu exemplo, nos momentos de maior angústia, permanecendo-lhe ao lado, até mesmo quando pareciam ruir fragorosamente todos os planos e ideais, não é menos exato que não foram poucos os que só lhe serviram de desgosto e lhe foram causa de amargos sofrimentos e desilusões.

Ele mesmo esclarece num tópico da carta citada:

"Não vim ao Brasil para ganhar dinheiro; isto eu teria feito melhor de qualquer outro modo e em qualquer outro lugar. Os meus novos colonos, entretanto, não pensavam assim. Eles queriam viver bem e sendo isso, por enquanto, impossível, queriam ganhar muito dinheiro em pouco tempo. E, como isso não fosse viável, mostravam, em tudo, a pior má vontade".

Embora de 1860 em diante, quando o governo Imperial, acolhendo as sugestões, penalizando-se das angústias e sofrimentos do Dr. Blumenau e, sobretudo, tendo absoluta confiança no sucesso dos seus planos, chamou a si a administração da Colônia, aliviando o fundador dos seus muitos trabalhos e preocupações, a vida do valoroso colonizador não se modificou muito.

Ficava livre dos problemas, financeiros, embora fossem bem escassos os recursos orçamentários postos à sua disposição, mas não exonerado de compromissos muito mais sérios que ele assumira consigo próprio. Realmente, quem se dedicar à história da vida de Blumenau e da sua atuação como empresário particular, primeiramente, e como diretor da colônia Imperial, depois, verificará que Hermann Blumenau não tinha em mente, apenas, criar e desenvolver um grande estabelecimento colonial, povoar uma vasta e fértil extensão de terras no coração de Santa Catarina mas, e sobretudo, criar uma comunidade que, pelo trabalho, pelas virtudes, pelo civismo de seus integrantes pudesse servir de exemplo e de motivo de orgulho para toda a nação brasileira.

E para alcançar esse grandioso ideal, não bastava, apenas, ser um bom administrador. Era mister que ele fosse, também e sobretudo, um exemplo de virtudes morais e cívicas, um homem que soubesse se manter ao nível dos seus colonos, sem se lhes mostrar superior em bens de fortuna nem em condições sociais. Era necessário ser, como os demais, um colono. Mas um colono que, pelo exemplo, arrastasse os demais, levasse-os a ajudá-lo a construir uma nova civilização dentro da estrutura do empreendimento colonizador.

E Blumenau soube ser o homem necessário em todos os momentos e em todas as circunstâncias da vida da empresa e da dos imigrantes que, crentes nas suas promessas e participantes das suas esperan-

ças, vieram contribuir, com o seu esforço, a sua inteligência e o seu entusiasmo para a vitória do grande ideal.

Que a tarefa foi das mais ingratas e amargas, diz-nos o próprio Dr. Blumenau: "Nós todos eramos solteiros e não tínhamos governo regular nas lides familiares. Os nossos produtos não tinham preços. Era, enfim, uma verdadeira "Vida de cachorro". A coisa ia tão mal que eu mesmo tinha a impressão de que o meu estabelecimento não teria futuro. Isso custava-me muitas noites de insônias. Mas não me desfiz dos meus planos e projetos. Antes, continuei fazendo tudo para conseguir os fins que almejava. Empreguei todos os meus esforços e persistência, sem me importar com prejuízos secundários que não devem causar surpresa na vida do colono. Estava resolvido a não ceder, a gastar aqui até o último vintém. Chegaram muitos colonos e eu estava sozinho nos meus múltiplos serviços. Devido aos poucos recursos que eu tinha, era obrigado a fazer, apenas, as despesas mais necessárias e não podia ter empregado. Fiz traçados de novos caminhos, marquei derrubadas, comprei, vendi e distribuí víveres, tudo eu sozinho tendo, muito pouco tempo para pensar noutras cousas. Bem amarga e ingrata é a tarefa de colonizar".

Os que, hoje, se aprofundam em considerações sobre o admirável surto de progresso que Blumenau vem tendo, em todos os setores da atividade de seus filhos, verificam que esse desenvolvimento não foi e não é fruto de fatores alheios à atuação administrativa do Dr. Blumenau à frente da sua Colônia. Orgulhamo-nos do nosso potencial econômico, do nosso amor ao trabalho, da nossa capacidade produtiva, das muitas virtudes que se nos atribuem e, quase sempre, nos esquecemos das origens de todas essas prerrogativas. Por isso mesmo, as comemorações do 2 de setembro devem merecer-nos uma atenção toda especial no sentido de torná-la mais que uma simples festa de aniversário de nossa cidade.

Em meio às alegrias dos festejos, às homenagens à memória do fundador e dos que o ajudaram na sua estupenda tarefa civilizadora, não esqueçamos os fatores transcendentais que concorreram para aperfeiçoar essa tarefa, torná-la capaz de representar um exemplo de organização, de ordem, de respeito, às autoridades e à lei, e, bem assim, um motivo de orgulho para a própria nação brasileira.

Os nossos antepassados nos legaram extraordinários exemplos de virtudes e de civismo; de persistência e de dedicação a toda prova; de compreensão e de renúncias, de espírito de sacrifício e, sobretudo de um grande amor à família, à Comunidade e à Pátria.

Seguir esses exemplos, continuar honrando as nossas tradições, na firme resolução de não nos afastarmos jamais dos princípios em que temos baseado a nossa grandeza presente e em que alicerçamos a nossa fé no futuro, deverão ser os propósitos que juntaremos, às nossas homenagens, às flores que dedicaremos à memória gloriosa de Hermann Blumenau e dos seus colonos.

Em homenagem ao falecido historiador, J. Ferreira da Silva, publicamos o presente artigo de sua autoria, ele, que tanto amou Blumenau.

A CIA. SALINGER

e a sua ação colonizadora

por WALTER F. PIAZZA

A Cia. Salinger, como Empresa Colonizadora (pois, até então, fôra essencialmente comercial e industrial), por gestões do Sr. Pedro Cristiano Feddersen, sócio-gerente da Cia. Salinger e procurador de Victor Gaertner, desde a assinatura do 1º aditamento ao contrato original com o Estado a 07-06-1920, adquiriu da Sra. Irma Gaertner, viúva de Victor Gaertner, grande desbravador do Alto Vale do Itajaí, as terras assim descritas, em escritura pública de compra e venda, datada de 25 de setembro de 1929: "terras de cultura, situadas na zona do rio do Oeste, neste município (então Município de Blumenau), de ambas as margens e na estrada geral de Blumenau para Curitibanos, e confluente do Rio do Oeste, a saber: na margem direita, Ribeirão da Fruteira, Ribeirão do Angico, Ribeirão São Bernardo, Rio das Pombas, Ribeirão da Herva e fundos, de ambos os lados do Rio Taió, Ribeirão Woelfer e Ribeirão da Paleta; e na margem esquerda Ribeirão Laurentino e fundos, Ribeirão do Café Alto, Ribeirão Moratelli, Ribeirão Pizetta, Ribeirão do Amoadó, Ribeirão do Bugio e Ribeirão Pequeno".

Lembre-se, tão somente, que estas terras recebera Victor Gaertner do Governo do Estado de Santa Catarina, como pagamento pela construção da estrada de rodagem de Blumenau a Curitibanos.

Por sua vez, a Cia. Salinger recebeu, também, terras em pagamento dos serviços de construção da estrada de rodagem do rio Itajaí do Oeste ao rio do Campo, numa extensão de, aproximadamente, 53 quilômetros, o que fôra efetuado em 1922.

Em 1932 a Cia. Salinger alienou grandes áreas das que havia adquirido de Victor Gaertner, a saber:

a Albrecht Weege, no ribeirão Pizeta, constante de 8 (oito) lotes, totalizando 2.690.960 m²;

a Victor Weege, no alto ribeirão Café, constante também, de 8 (oito) lotes, perfazendo 2.611.050 m²;

a Sra. Cilly Lischke, no ribeirão Moratelli, com 9 (nove) lotes, totalizando 2.619.980 m²;

a Arno Weege, também situadas no alto ribeirão Café, constante de 8 (oito) lotes, totalizando uma área de 2.447.425 m²; e,

a Leopoldo Blaese também no alto ribeirão Café, composta de 5 (cinco) lotes, numa área total de 1.720.350 m².

Este parcelamento atingia, pois, 12.089.765 m².

De 1934 até 1938 a Cia. Salinger construiu mais estradas: do ribeirão Bugio ao rio Pequeno, com oito quilômetros, no ribeirão do

Ouro com cinco quilômetros, na Cabeça de Anta com cinco quilômetros, e no ribeirão Fruteira (fundos) com dois quilômetros.

Por outro lado, já traçara naquela época (1938) uma estrada de Cabeça de Anta até o planalto do Município de Ibirama (então Hamônia), com dez quilômetros, e uma outra do ribeirão Sumidor até Pouso Redondo, também com dez quilômetros.

No que tange ao movimento colonizador a situação da comercialização de terras assim se apresentava:

Distrito Rio do Sul — Pombas

Transferidas	7.728 hectares
Não transferidas (intrusos)	2.535 »
Ainda não vendidas	8.000 »
T O T A L	18.263 hectares

Distrito Taió

Transferidas	10.450 hectares
Não transferidas (intrusos)	1.886 »
Ainda não vendidas	8.500 »
T O T A L	20.836 hectares

A situação, acima resumida, era discriminadamente da seguinte ordem, nas principais áreas colonizadas:

Ribeirão Pizeta

Áreas (m ²)	Nº de lotes vendidos	%
de 270.001 a 280.000	1	12,5
de 280.001 a 290.000	1	12,5
de 290.001 a 300.000	1	12,5
de 300.001 a 310.000	—	—
de 310.001 a 320.000	1	12,5
de 320.001 a 330.000	—	—
de 330.001 a 340.000	—	—
de 340.001 a 350.000	2	25
de 350.001 a 360.000	—	—
de 360.001 a 370.000	—	—
de 370.001 a 380.000	1	12,5
de mais de 400.000	1	12,5
T O T A L	8	100%

Alto Café

Áreas (m 2)	Nº de lotes vendidos	%
de 210.001 a 220.000	—	—
de 220.001 a 230.000	1	4,76
de 230.001 a 240.000	—	—
de 240.001 a 250.000	—	—
de 250.001 a 260.000	—	—
de 260.001 a 270.000	—	—
de 270.001 a 280.000	—	—
de 280.001 a 290.000	—	—
de 290.001 a 300.000	3	14,29
de 300.001 a 310.000	3	14,29
de 310.001 a 320.000	4	19,05
de 320.001 a 330.000	4	19,05
de 330.001 a 340.000	1	4,76
de 340.001 a 350.000	2	9,52
de 350.001 a 360.000	—	—
de 360.001 a 370.000	2	9,52
de 370.001 a 380.000	—	—
de 380.001 a 390.000	—	—
de 390.001 a 400.000	—	—
de mais de 400.001	1	4,76
T O T A L	21	100 %

Ribeirão Moratelli

Áreas (m 2)	Nº de lotes vendidos	%
de 200.001 a 210.000	1	11,12
de 210.001 a 220.000	—	—
de 220.001 a 230.000	—	—
de 230.001 a 240.000	—	—
de 240.001 a 250.000	—	—
de 250.001 a 260.000	1	11,12
de 260.001 a 270.000	—	—
de 270.001 a 280.000	1	11,12
de 280.001 a 290.000	—	—
de 290.001 a 300.000	1	11,12
de 300.001 a 310.000	1	11,12
de 310.001 a 320.000	—	—
de 320.001 a 330.000	4	44,40
de 330.001 a 340.000	—	—
T O T A L	9	100 %

Linha Ribeirão Fruteira

Áreas (m ²)	Nº de lotes vendidos	%
de 70.001 a 100.000	1	12,5
de 100.001 a 150.000	2	25,0
de 150.001 a 200.000	—	—
de 200.001 a 250.000	2	25,0
de 250.001 a 300.000	1	12,5
de 300.001 a 400.000	2	25,0
T O T A L	8	100 %

Ribeirão Grande

Áreas (m ²)	Nº de lotes vendidos	%
de 200.001 a 300.000	5	10,21
de 300.001 a 400.000	—	—
de 400.001 a 450.000	—	—
de 450.001 a 500.000	3	6,13
de 500.001 a 550.000	11	22,44
de 550.001 a 600.000	18	36,73
de 600.001 a 650.000	11	22,44
de 650.001 a 700.000	1	2,05
T O T A L	49	100 %

Nesta área encontrou-se, tão só, um (1) lote com área inferior a 200,000 m², bem como se nota que a Luiz Bertoli Júnior, que terá interesse na colonização da região, serão vendidos quatro (4) lotes — os de nº 2, 4, 6 e 8 desta linha colonial —.

Linha Ribeirão Woelffer e fundos

Áreas (m 2)	Nº de lotes vendidos	%
de 220.001 a 230.000	1	5,0
de 230.001 a 240.000	3	15,0
de 240.001 a 250.000	2	10,0
de 250.001 a 260.000	5	25,0
de 260.001 a 270.000	2	10,0
de 270.001 a 280.000	1	5,0
de 280.001 a 290.000	4	20,0
de 290.001 a 300.000	1	5,0
de 300.001 a 310.000	—	—
de 310.001 a 320.000	1	5,0
T O T A L	20	100 %

Linha Fundos Rio Taió e Ribeirão Paleta

Áreas (m 2)	Nº de lotes vendidos	%
de menos de 100.000	2	18,18
de 100.001 a 110.000	—	—
de 110.001 a 120.000	1	9,09
de 120.001 a 130.000	—	—
de 130.001 a 140.000	1	9,09
de 140,001 a 150,000	1	9,09
de 150.001 a 160.000	—	—
de 160.001 a 170.000	—	—
de 170.001 a 180.000	—	—
de 180.001 a 190.000	—	—
de 190.001 a 200.000	—	—
de 200.001 a 210.000	—	—
de 210.001 a 220.000	—	—
de 220.001 a 230.000	3	27,28
de 230.001 a 240.000	1	9,09
de 240.001 a 250.000	—	—
de 250.001 a 300.000	1	9,09
de 300.001 a 400.000	—	—
de 400.001 a 500.000	—	—
de 500.001 a 600.000	1	9,09
T O T A L	11	100 %

Nesta região foram vendidas duas áreas extensas: uma de 5.147.250 m² a Paulo Cordeiro e outra de 1.148.200 m² a Gustavo Feddersen.

Geoecologia Atmosférica

A. SEIXAS NETTO

(Continuação do número anterior)

Capítulo Décimo-Quarto: — AS CONCLUSÕES GERAIS, TENDO EM VISTA O FUTURO

Há que entender que o problema ecológico não é local, para certas zonas e áreas geográficas; é, antes de tudo, universal, para todo o Planeta. De nada adiantam florestas, bosques, ou outras formações sem importância, porque, em realidade, não resolvem nem local nem universalmente. A ação de corrigenda ecológica deverá ser total, completa, ou não passará sem “simples comércio de árvores e aves” sem resultado qualquer.

Assim apreciado o mecanismo geoecológico, podemos determinar, em princípio, algumas conclusões gerais tendo em vista o futuro ecológico da Terra:

1º — A Atmosfera da Terra tem uma secção plenamente útil à Vida: A PNEUMOSFERA.

2º — A Atmosfera da Terra é produto de reações fisicoquímicas ocorrentes no núcleo estelar do Planeta, ainda em atividade.

3º — Os geometeoros que ocorrem na PNEUMOSFERA têm primordial importância para o equilíbrio ecológico.

4º — Dois elementos fundamentais e básicos mantém o mecanismo geoecológico, modulando e equilibrando a PNEUMOSFERA: A Fauna e a Flora.

5º — Fauna e Flora compõem o processo fisicoquímico “em cadeia fechada de ciclo constante” para a estabilização dos Gases componentes da Atmosfera.

6º — Há em prosseguimento, com lentidão, um *raquitismo atômico* destruindo as Florestas e Faunas.

7º — É de urgente importância estabelecer o fechamento destruição para as FLORESTAS DE ÁREA MUNDIAL, criando-se PARQUES FLORESTAIS INTERNACIONAIS com sua fauna considerada intocável.

8º — É de suma importância FLORESTAR as florestas existentes e REFLORESTAR as Florestas que tenham sido aniquiladas.

9º — Para que as Florestas fiquem intocadas, deve, urgentemente, ser estabelecida a MEGAHORTALIÇA MADEIREIRA, para criação industrial de madeira utilizável sem prejuízo à ecologia.

10º — Deve ser impedido o sistema de aclimação vegetal, por ser anti-ecológico. (Nossa lei ecologica diz: Nenhum vegetal se adapta a um meio; procura, entretanto, adaptar o meio a si mesmo.-1963). (Então, considero que aclimação corresponde a mutação climática lenta).

11º — As Megalópolis devem, urgentemente, adotar o sistema de equilíbrio ecológico. (É o que chamamos ao nosso entender o modus babilônicos).

12º — Todo conjunto de individuos, estabelecidos gregariamente, deve estar, no campo-geoecológico equilibrado com o conjunto florestal. (Equilíbrio de quantidade individuo e vegetal por cubo de 10 metros de aresta).

Estes doze pontos, como conclusões gerais, devem ser observados como forma especifica de Alerta, e não como romantica teoria. O que se denomina genericamente da Natureza nada mais é que o processo Flora-Faunologia da Pneumosfera, mantendo o nível ecológico. Flora e Fauna compõem, figuradamente, o mecanismo pulmonar planetário com bem determinado comportamento respiratório de troca gazeosa. Isto é que é ecologismo. Estes dois comportamentos respiratórios operam como inspiração e respiração. Estes dois componentes, funcionando em ritmo alternado mas síncrono, mantém-se em atividade vital. Os geometeoros ocorrentes no campo atmosférico em que estes dois elementos estão mergulhados e que eles mesmos mantêm ativos, nada mais representam que típicos sub-processos de equilíbrio do meio aéreo. A Flora, tem, entretanto, função planetária física, porque está fixada como filtro às emissões reativas do núcleo do Planeta e é primordial para a continuidade do equilíbrio fisicoquímico deste. Em realidade, sem Florestas emissoras, a Atmosféra, pela fuga dos seus gazes componentes, extingue-se e a crosta planetária explode em centenas de chaminés vulcânicas escoadora dos gazes produzidos pelo núcleo estelar do planeta. E, por fim, a Terra está ecologicamente morta; o planeta está astrofísicamente morto. É uma verdade final: Só a Natureza pode dar equilíbrio ecológico ao Planeta; e a Natureza se compõe de duas partes harmoniosamente operantes, criada por ela mesma; A Fauna e a Flora. Fauna e Flora são a totalidade da Vida, irrevogavelmente.

No início da década de 60, escrevemos uma série de Artigos alertando sobre a destruição da Atmosféra pelo jorro dos foguetes interplanetários e os mísseis de grande tonelagem de empuxo. E hoje subscrevemos, mais que nunca esses artigos que fizemos publicar na imprensa nacional. Mas, contudo, a destruição ou aniquilamento do Oxigênio e do Hidrogênio da Atmosféra prossegue, levando redução progressiva à Pneumosfera ou Atmosfera útil à Vida.

(*Continúa no próximo número*)



BLUMENAU EM CADERNOS é composto e impresso nas Oficinas da
Fundação "CASA DR. BLUMENAU"

Memórias da Revolução de 1924

Clemente José Schmitt

Foi em abril de 1924, que um moço chamado Clemente José, trabalhando de aprendiz em uma ferraria em Santa Filomena, na estrada que de São José conduz à Angelina, recebia do estafeta Agenor, que de cavalo conduzia a correspondência postal da capital à Angelina, a notificação de "Sorteio", da unidade do Exército sediada na capital, o 14º B. C. Apresentando-se no dia 1º. 5. 1924, foi logo incorporado em 2. 5. 1924. Seguiram-se os estranhos dias, tão diferentes do seu modo de vida na casa dos pais, em Barro Branco, pouco aquém de Angelina, onde moravam.

As instruções de praxe começaram logo. Acerta o passo: um, dois, um dois, direita volver, escola, alto! Segunda parte—instruções de arma. Mês de julho: semana que vem, tiro ao alvo, que no entanto, não se deu. Dia 5: notícia acaba de surgir em São Paulo uma rebelião no 5º Batalhão da Polícia Militar. Aderiram outras e mais outras unidades (do Exército? não sabe).

Convocadas pelo Ministro da Guerra, as unidades do 14º e 13º BC, respectivamente de Florianópolis e Joinville. Embarcou o 14º no vapor Ana, da Firma Carlos Hoepcke, no dia 13 do mesmo mês. Emuchilados, marcharam os soldados pela rua Conselheiro Mafra, partindo do Quartel, no largo Menino Deus, cantando a seguinte canção: "No dia 13 de julho, o 14º embarcou com destino à São Paulo. Muita saudade deixou. Adeus mulata, não vou lá não. Lá em São Paulo, só se atira de canhão"; até chegar ao embarque, sob as vistas de familiares e curiosos, no trapiche do Hoepcke, na "Rita Maria".

Este vapor os levou, a todos, até São Francisco do Sul, onde foram incorporados ao 13º de Joinville, formando assim, um único Batalhão. A nave que os conduziu até Santos, em São Paulo, chamava-se "Tocantins", do Loide Brasileiro. Alojados no porão de carga do navio, abaixo do nível da água, enquanto os animais eram colocados no tombadilho e os oficiais na parte superior, o enjão acometeu a maior parte da tropa. Chegados à Santos, no mesmo dia, foi-lhes distribuída munições. Até então não conheciam ainda as "ameixas", como lhes dizia o tenente Mafra, que as distribuía. Em poucas horas estavam acomodados em vagões de carga da ferrovia Santos—São Paulo. Anoitecera. O trem se pôs em marcha. Sentiram subida muito forté, a ponto de rolarem uns sobre os outros, no fundo do vagão. Amanhecera. O comboio parou. Que lugar é este? É São Caetano, em cima da serra de Santos. O que tem naquela viatura para a qual acorrem soldados curiosos? São feridos vindos da linha de combate. Surgiu logo um oficial, que incontinentemente dispersou os curiosos, para não quebrar a moral da tropa. Assim se dizia.

Marcha lenta, em fila indiana. Direção: frente! Anoiteceu. Uma peça de artilharia, que o moço não havia observado na escuridão,

deu um disparo. Quase caiu de susto! Um oficial o consolou, dizendo: "é a nossa artilharia disparando contra os revoltosos". Viam-se clarões de edifícios e parques industriais em chamas.

Mais um dia de expectativa. Anoitecera. Nos campos do Ipiranga, dormia-se emuchilado, ao relento, encostados um ao outro, pois era frio. Alta madrugada. A ordem: Batalhão! Sentido! Coluna a dois! Marche! Atenção! à vontade! Névoa densa e baixa cobria a estrada, a ponto de não se ver o camarada à seu lado. Às 9 horas da manhã, descendo em direção à linha de frente, nos campos do Ipiranga, o sol penetra a neblina e ilumina tudo ao redor. Vistos pelo inimigo, estes abriram fogo. Oh! que surpresa e imprevisto. Sem abrigo, cada qual procurou se defender de vista. Atrás de moitas. Numa valeta por perto. Atrás da muchila. O que fazer? Sem ordem defensiva! Alguns minutos passaram. Um capitão de cavanhaque, do 13º BC de Joinville, ergue-se e ordena: "avança o 13º, avança o 13º! E foi um avanço. Porém não às linhas do inimigo, mas sim, ao abrigo de casas que ficavam pouco além. Passou o dia, um tanto desordenado. Ao declinar da tarde, Clemente José e um companheiro, receberam a incumbência de levar nos braços um cunhete de munições, numa direção apontada. Em pouco andar, se depararam no topo de um alto barranco, escavado. Lá em baixo, o capitão Guerra acenava, manejando indicava uma volta. O cunhete era pesado, e para arrastá-lo morro acima, não foi fácil. Chegaram, dando graças à Deus por terem escapado das balas que viam cuspir bem perto. Voltaram para apanhar as muchilas, deixadas para mais depressa escaparem às vistas do inimigo, na surpresa da marcha. A muchila havia sido arrumada, na partida, com todo o esmero e cuidado. Uma jóia! Não faltava nem mesmo um sabonete, uma pasta e escova de dentes. E quanta coisa mais, de estima e bom-gosto! Mas, ai, que desilusão! A muchila estava no lugar. Porém, completamente pilhada. Tudo. Menos o ânimo renovado para continuar vivo.

Na fábrica de tecidos da firma Gamba, situada numa rua do bairro do Cambucí, abrangendo toda uma quadra, encontrava-se junto ao capitão Guerra um pugilo de soldados. A fábrica havia sido saqueada pelos rebeldes. Nesse mesmo dia, já noite escura, pois a iluminação se encontrava em colapso completo, o capitão Guerra chamou Clemente José e mais outro soldado, de nome João Seibel, do interior de Biguaçu, em nosso Estado, e deu ordem aos dois para que fossem reforçar uma trincheira, em plena atividade, duas quadras adiante à esquerda. Ao abrigo das casas, os dois seguiram. Chegaram. E agora? A rua da referida trincheira fica na linha de tiro. Hesitaram, mas ordem é ordem. E soldado bom não foge da luta. Valha-nos Nossa Senhora! Vamos, corram! No escuro, vislumbraram na trincheira, em fogo aberto, uma brecha, mais outra. O primeiro pulou na da direita e o segundo, na da esquerda. O primeiro não conseguia se aprumar, e o mesmo acontecia com o segundo. Era uma vala de escória, improvisada em trincheira. Por mais que quizessem se firmar, mais a escória lhes entrava pelos sapatos, até encobrir quase as pernas. Os primeiros soldados, enquanto dia, haviam se alojado nas saliências enchutas. Clemente tentava explicar ao sargento do lado, sua situação. Porém, por mais que se esforçasse, não se entendiam, pois tamanha e ruidosa era a detonação dos fuzis em atividade. Recuou então, e João o imi-

tou. Apresentaram-se ao capitão, contando o acontecido. Este entendeu e disse: "Acomodem-se aí e fiquem à minha disposição". Foi a ordem. Amanheceu outro dia. Piero Abundio Guinzari, de Mãe Luzia, recebeu ordens de guarnecer e vigiar, através de um janelão guarnecido de tela, de dentro da fábrica, as duas ruas que se cruzavam à sua frente, em direção à linha de combate. Tudo o que de lá se dirigisse para cá, seria considerado inimigo. Em dado momento, vinha em direção oposta um policial. Coitado! Na frente dele, uma mulher. O policial deu aceno à mulher para que atravessasse a rua, e ia fazer o mesmo. No momento exato que se dispõe a atravessar, o soldado de sentinela no janelão, apontou seu fuzil e mirou. Um puxão no gatilho e o policial tombou. Horrível, para quem nunca viu tal cena! O homem caiu de bruços. Não, não se vai contar o resto! Em respeito ao próximo e à ética da narrativa.

No outro dia, Piero Abundio, com outros, recebia ordem para reforçar uma trincheira, numa rua à direita. Qual não foi o espanto quando observaram, a poucos metros da mesma, que lá havia homens à paisana. Hesitaram. Os de lá a b a n a r a m, convidando a chegar. Os soldados retrocederam desconfiados. Ato contínuo, da trincheira, surgiu fuzilaria. Os soldados procuraram, cada qual, um abrigo individual. Uma entrada de casa, um poste de luz, etc. O nosso herói, Abundio, detrás do pé do poste, alvejou sozinho a trincheira até descarregar toda a munição, quando então viu que conseguira derrubar uns paralelepípedos de que se compunha a trincheira e, em seguida verdadeira debandada do inimigo, do interior da mesma. Convidou então os companheiros dispersos, para irem até lá, ver o que acontecera. Estes não quiseram ir. Só quando viram Abundio sozinho caminhar naquela direção, animaram-se à acompanhá-lo. Lá chegando, encontraram mortos.

Clemente José, com outros companheiros, recebeu ordem para reforçar uma trincheira no alto do Ipiranga. De onde, de dentro de uma trincheira de um contingente da polícia legalista, atirou de fuzil, com alça de mira de 600 metros, para a torre da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Cambucí.

E assim se combatia, sem instruções de arma, uma vez que o pouco tempo de caserna não o permitiu, antes de partir de Florianópolis.



Foto do cabo Clemente José Schmitt

Momentos depois, um pelotão do seu contingente, conseguiu desalojar os revoltosos que lá haviam se alojado, fazendo da torre uma ótima vigia, de onde, com facilidade, alvejavam postos vulneráveis e estratégicos do inimigo. Logo após esta façanha, Clemente José e seus companheiros foram mandados para reforçar aquele ex-baluarte do inimigo. Ao lá chegarem, depararam com uma cena chocante: na calçada da frente, do outro lado da rua, que corria em ladeira, alguns cadáveres, que na fuga para não se deixar prender, foram alvejados pelos nossos homens. Os mesmos ficaram ali alguns dias, porque, na linha de tiro ninguém se expunha. O reforço e os homens que lá ainda se encontravam, para se abrigar, ficaram atrás do muro que circundava o templo, e abriram setas no mesmo, para vislumbrar a frente, onde, em variada distância, viam-se a disparada e debandada de elementos revoltosos, perseguidos por nossa fuzilaria. Não pôde o moço da narrativa precisar se alvejou alguém.

O alto comando do lado de lá, quando soube da tomada pelos legalistas, do baluarte-templo ativaram a artilharia, e em sucessivos disparos, alvejaram a Igreja Nossa Senhora da Glória. Escutava-se o sibilar da granada que vinha, Incontinentemente todos se jogavam, o mais que podiam, rente ao chão. Primeira detonação: explodiu ao pé do muro, jogando terra a alguns metros de altura, atingindo-os a mesma. Segundo tiro; atingiu em cheio uma estátua colocada em uma cavidade na parede do templo, bem acima da porta lateral-sul. Espatificada a estátua, ficou no local apenas o pedestal. E, desta granada, um estilhaço atingiu Clemente José no joelho, de raspão, rasgando um triângulo no culote. Terceira granada: esta atingiu o alto da torre, cujo teto coberto de azulejo escuro, ou lâminas de pedra-louza escura, veio todo abaixo, ficando de pé, mesmo assim em desalinho, o esqueleto da ripagem. Em seguida, mais duas, não atingindo alvo, explodiram no ar. Houve pequena calma. Um companheiro, soldado José Meurer, de Santo Amaro, em nosso Estado, atravessando o pátio, foi alvejado por certo tiro que lhe atravessou as coxas das duas pernas, sem ferir o osso. Após dar alta do hospital, foi mandado para casa. Com êle Clemente José mandou uma espingarda pica-pau, que foi entregue a um parente seu, morador do Estreito, a qual foi-lhe devolvida em sua volta, como iremos ver adiante. Escusado dizer que todas estas noites que se sucediam, eram passadas ao relento.

No segundo dia, após este pesadelo, numa aparente calma, Clemente pulou uma grade de ferro, que pouco afastada, circundava o templo, e penetrou no recinto sagrado. No seu interior, encontrou o seguinte: um altar amoldado em uma pedra natural, que ali ficara intacta, e nela talhados diversos pedestais, onde em um deles figurava uma estátua, em tamanho natural, do Sagrado Coração de Jesus. No coro, um grande harmônio. Dava pena vê-lo assim cheio de rebôco, caído das paredes que tremeram com o impacto da artilharia inimiga. Um curioso tentou tocar. Foi advertido que estragaria mais ainda o instrumento, dado o fato de estar cheio de areia. Chegou à sacristia. Que lástima! Da parede lateral esquerda, escorria água abundante, pois a instalação hidráulica tinha sido danificada pelo ataque, tanto da fuzilaria como artilharia, e deixava escorrer o líquido em tanta abundância, que formou um mini-lago no chão assopalhado de madeira. Mas o que deixava ainda mais a lastimar, era o fato de, tendo o vigário da Igreja instalado no local sua biblioteca, os ele-

mentos revoltosos, como verdadeiros vândalos, haviam destroçado os livros das estantes, que, numerosos, se viam semi-mergulhados na água, que continuava a escorrer da parede. Quem poderia fazer alguma coisa? Ninguém. Estavam cinco ou seis companheiros olhando estupefatos a cena que se lhes oferecia. E cada qual procurava apanhar algum livro que se salvara da inundação. Juntou-se ao grupo um soldado, a tremer de susto e branco de medo. Era o Pedro Fritzem, de Santa Filomena, gaguejando em mau português, dizendo: "um granado caiu em nosso trincheira e não sei que não mata nós todos". Um companheiro mais graduado do grupo, dirigindo-se ao assustado soldado lhe disse: "tanto aqui como lá fora podemos sofrer, ou até ser mortos. Volte ao seu lugar que agora é menos perigoso, pois eles mudam sempre de alça de mira". E de fato. No momento exato em que isto dizia, uma granada certa transpassa a parede da sacristia, cruzou no meio deles e, como relâmpago, explodiu, espatifando um armário colocado em um canto. Clemente José nada mais viu. Meio estonteado procurou uma saída do local. Lá fora, refeito do choque, viu, nos braços de companheiro, um soldado esvaiando-se em sangue. Não sabe o destino do mesmo.

Subindo por entre arbustos, nos fundos da casa do padre, encontrou-se com o capitão Guerra, que vinha inspecionar. Mostrando o seu leve ferimento no joelho, descrito acima, o capitão lhe disse para seguir a mesma trilha, e mais acima encontraria pequeno acampamento, e lá permanecesse até segunda ordem. Anotecera quando ia chegando. Muito frio, pois era pleno inverno. Noite clara. Dormir ao relento? Ai que frio! Mas olhando no lusco-fusco da noite, vê um rancho. Quem sabe um abrigo para o frio? Ao procurar acomodar-se, viu que o rancho semi-aberto, era um depósito de papel usado, onde, mesmo em cima de sacadas, encontravam-se diversos soldados relaxando seus nervos. Ocupado com sua acomodação, o soldado escutou um surdo bater, como de alguma coisa jogada em cima de objeto ou corpo. Qual não foi o espanto, quando escutou um gemido e um corpo caindo. Acudido por companheiros, foi levado a poucos metros até a barraca do capitão Guerra, encostada a um alto muro, com uma vela bruxuleante a iluminar o exíguo recinto, vedada a vista de frente, sem possibilidade de alguma claridade ou sinal de luz para o inimigo. Chegado à barraca, o soldado Fucher, de Joinville, já era um cadáver. Suposição: um tiro certo de alguma bala perdida, havia tirado a vida daquele soldado, vindo no dia anterior do hospital. Destino ou fatalidade? Quem o sabe?

No outro dia, o soldado Clemente e diversos outros companheiros, entre eles Severino Rovaris, de Criciúma, foram mandados a guarnecer trincheira em uma das ruas do bairro do Ipiranga, situada entre as ruas Anna Nery e José Bento. A trincheira era feita de paralelepípedos arrancados da rua. O soldado loiro Borges, de São Ludgero, quase, quase que levou um tiro na cabeça, ao levantá-la um pouco acima da trincheira. Só guarnecer. Sem atividade. Quatro noites e três dias. Na mesma trincheira e posição. Sem comer e beber todo esse tempo. Explica-se; sem atividade, dormia-se a maior parte do tempo. A luta diminuiu de intensidade. Sinal de que os revoltosos estavam se preparando para deixar a cidade. No terceiro dia, detrás do monte de paralelepípedos, de que era formada a trincheira, notaram um objeto a uns 30 metros além, no meio

da rua. O soldado Severino foi lá ver o que era. Trouxe. O que é? Resto de presunto, jogado fora. Quem sabe ainda, bem no fundo, perto do osso, ainda se encontre alguma coisa? Quem tem canivete? Aqui. Vamos ver. Olha, ainda há o que aproveitar. Um pedacinho para ti, outro para ti. Muito bem!

A trincheira tinha a seguinte posição: um pouco afastada do cruzamento das duas ruas. Na esquina em frente, uma casa com portas, indicando negócio. Armazém de comestíveis, talvez. "Vou bater lá, só para ver". Pum, pum pum, a coronha do fuzil ecoou lá dentro. Ouvido colado a porta. Passos fortes diziam ter gente. A porta foi aberta. Um homem, tipo italiano, apresentou-se trêmulo.—"Não vim lhe fazer mal. Quero apenas saber se não possui alguma coisa para se comer, pois que estamos 4 dias sem comer ou beber alguma coisa". — "Não, não! Nada, nada mesmo eu também não tem". O soldado deu uma espiadela para dentro da porta e deparou com alguns vidros desses em que se costuma guardar caramelos, e disse ao negociante: "Mas o que é aquilo naqueles vidros? Não é coisa de se comer? Traga-me o vidro". O italiano trouxe o vidro e despejou uma porção do conteúdo no prato esmaltado de campanha. O soldado perguntou então se não tinha também alguma bebida. Tem, tem, foi a pronta resposta. Sem nada mais dizer, correu incontinentemente, trazendo uma garrafa de Nicete.—"Não meu senhor, não tem capilé?" — "Sim, sim".— "Então troca". O italiano saiu. Não demorou e voltou com o litro de capilé. O soldado voltou à trincheira, com o seu achado. Repartiu entre os companheiros e todos provaram aquelas gulodices até acabarem. Disse o soldado:—"Eu vou voltar porque o italiano não colocou tudo o que tinha no vidro". Bateu. A porta abriu. — "Me traga o resto do caramelo do vidro".—"Pronto, tudo aí! Estes foram também consumidos na trincheira. Agora, se pergunta: porque toda aquela doçura não lhes fez mal? Ainda sem água? Supõe-se que não deu para se fartarem. Razão porque não lhes fez mal.

Naturalmente queremos saber agora, porque não lhes foi distribuída comida e bebida. Suposições: a cozinha de campanha ficava nos altos do Ipiranga. O encarregado em levar a farofa (carne cozida misturada em farinha de mandioca) condicionada em grandes sacos de aniagem, não chegava com o farnel até a linha de frente. Ou por que terminava, ou por covardia. Quem poderá afirmar?

Certa noite, exausto, encontrando-se Clemente dormindo numa calçada de uma casa, aquecida pelo sol da tarde, foi bruscamente acordado por um companheiro, que lhe disse ser o local perigoso. Levantou-se, mas nada viu. A luta parecia de fato terminada. No outro dia, foi destacado como sentinela, em um determinado local da rua. Era ainda bem cedo, nas primeiras horas matinais. De repente escutou, de uma só vez, todos os sinos da cidade badalarem. Arrepios lhe subiram pela espinha. Uma sensação estranha envolveu-lhe as entranhas. Teve vontade de chorar. Não sabe se de emoção ou alegria. Pois que anunciavam o fim da luta em São Paulo. Graças a Deus! Foi a oração que todos elevaram aos céus, pois que haviam escapado ilesos. Isto foi em 28 de julho de 1924. Agora, uma voltinha livre pelas ruas adjacentes. Capitão Guerra, bom dia! Bom dia soldados! Caminhavam descuidados pela rua afora. O

Capitão Guerra levou o lenço ao nariz. "Que horror! Ordenança, busca meu vidrinho de extrato da malinha. Que cheiro fétido". É que nos tiroteios, os animais soltos, vagando pelas ruas, eram também atingidos, principalmente à noite. Em um destes animais, uma mula por sinal, o companheiro João Saibel tropeçou, pois era escuro naquela noite da trincheira da escória descrita acima, caiu do outro lado, perdendo o quepe, que lá ficou.

A corneta do corneteiro tocou a reunir. O soldado nº 963, Clemente José aproveitou ainda para vender dois fardos de alfafa à um cocheiro, que lhe perguntou se vendia, pois que os revoltosos se utilizaram desse material para formar trincheiras, sabido que é, que bala alguma de fuzil consegue atravessar um fardo de alfafa. A chamada para reunir, foi para declarar oficialmente, que a rebelião, pelo menos em São Paulo, havia terminado. Isto após o capitão ter mandado dois soldados, em jeep, percorrer o centro, para se certificarem do ocorrido. Voltaram sem nada mais encontrar. Foi então dada liberdade. Encontraram um armazém de comestíveis, já saqueado pelos rebeldes, porém não de todo. O que restou, foi devorado, pelo menos em parte, pelos famintos soldados. Lembra-se ainda dos sacos de amêndoas, que foram avidamente consumidas.

Novamente o corneteiro tocou reunir. Agora em fila descadenciada, pela rua Lavapês, tida como a mais comprida de São Paulo, em marcha para o centro. Perto da Praça da Sé, um velho prédio, antigo Correio, no qual foram alojados. Nova roupa foi logo distribuída. Dormia-se em assoalho seco, a ponto dos quadris ficarem doloridos. O café da manhã consistia num bolachão duro e seco, que logo deixou a turma enjoada. Ao meio dia: feijão com xarque. O xarque não era antes fervido, como de praxe se faz em casa. O excesso de sal, que em consequência o feijão continha, provocou sede. A água tomada para mitigar a sede, teve como consequência, desarranjo intestinal. Foi um Deus nos acuda! Nas poucas e péssimas instalações sanitárias, formavam-se filas congestionadas, de aspecto bem desagradável.

Então já era agosto. Podia-se sair à vontade pela cidade. Passagens de bonde e entrada em casas de espetáculo, como cinema, teatro e circo, não eram cobradas. Guardam até hoje lembrança de circo e cinema que lá assistiram. Nas andanças pelas ruas, constataavam os estragos causados, principalmente pela artilharia. Viam-se as vigas de ferro, retorcidas pelos incêndios, em diversas fábricas. Viram também tanta coisa bonita e estranha, de que hoje ainda se recorda. Expressão comum: pode-se andar um ano, para lá e para cá, em São Paulo, e sair dizendo: não conheço São Paulo. Tão extraordinário é seu tamanho e desenvolvimento. Assistiam a Santa Missa no Mosteiro de São Bento. O Viaduto Santa Efigênia e a rua São João, eram os locais mais familiares, como também o bairro do Braz e outros.

Um soldado, saltando do bonde, antes de parar, rolou pela calçada, e juntou mais que depressa o quepe e, debaixo dos olhos dos curiosos transeuntes, desapareceu rápido. Este soldado foi promovido a cabo de esquadra em 7.9.1924, já em Ponta Grossa, conforme consta de sua caderneta militar nº 984, página 19, sendo portanto Clemente José. Recebeu elogios do Comandante da Corporação, Tenente Coronel Gual-

berto Dias de Moraes (página 50). Quando foi promovido à cabo, escreveu para casa, de Ponta Grossa, que gostaria mais se pudesse ir para casa.

Passou-se assim todo o mês de agosto em São Paulo. No dia 4 de setembro, veio ordem para embarcar na Estrada de Ferro Sorocabana, com destino à Ponta Grossa, no Paraná, onde chegaram 3 dias após o embarque em São Paulo. Nos campos de Itararé, o trem parava horas, sem que os soldados soubessem o motivo. As fagulhas da máquina incendiavam o capim seco da beira do trilho, a ponto de meter medo e encher todo o vagão de fumo da queimada. Pelas janelas do vagão, via-se também, a correr pelo campo, lindos veadinhos brancos.

Dia 12, ordem de embarque até a cidade de Iraty. Dia 21, ordem de embarque, em camioneta, até Prudentópolis, cidade com predominância de poloneses e ucranianos. na população. Pararam um dia, domingo por sinal, tempo que deu para irem assistir a um culto litúrgico bizantino, segundo lhes pareceu, dos ucranianos. Cada fiel que chegava, se inclinava até beijar o chão em que pisava. O celebrante entrava e saía detrás de um anteparo, como que um grande biombo. Quando o mesmo subiu ao púlpito, foi uma corrida geral para chegarem o mais perto possível do pregador e, muito atentos, quase extasiados, escutaram suas palavras. O coro cantava e, no corredor, os porta-estandartes, diversos por sinal, respondiam em estribilho, inclinando ao mesmo tempo os estandartes até o meio, em frente ao altar. Todos os assistentes participavam com um gesto de cabeça. A língua que falavam não foi entendida por nós, e então saímos. De noite, naquele dia, assistiram um filme. No dia seguinte partiram em grandes carroções, puchados por 6, até 8 animais, cobertos de grandes e fortes lonas empoeiradas, com destino à cidade de Guarapuava, onde chegaram dois dias após. O resto do mês e todo o mês de outubro, permaneceram acampados num subúrbio da cidade. Passearam muito. Companheiros de barraca: Clemente José, Estevo Bett, de Rio das Furnas, o soldado Jordão, o soldado Henrique Boeger de São Ludgero, João Dezão, de Jacinto Machado, Piero Abundio Guinzani, de Mãe Luzia. Abundio era um soldado extraordinário, um dos mais corajosos. O mesmo que, em São Paulo matou aquele policial e fez desertar de uma trincheira, no bairro de Cambuci, os inimigos, como ficou descrito acima. Um dia, em Guarapuava, convidou Clemente José para ir com ele até a agência do correio, onde, conforme ele havia sonhado, tinha um telegrama dizendo da morte de sua mãe. O amigo duvidou, mas foi. De fato, lá mesmo recebeu, e na sua presença abriu, a infausta notícia da morte de sua mãe, o que aceitou com a maior naturalidade do mundo. Impressionante! Dizia tirar a "sorte" para ver se todos voltariam vivos dessa refrega para casa.

Tinha também, como em todo grupo de pessoas, um animador, que era o Sargento Donato, um preto bem retinto e baixo, que, à noite, debaixo de sua barraca, junto dos companheiros, imitava perfeitamente o choro de uma criancinha recém-nascida, fazendo a turma dar gostosas gargalhadas.

Um dia, no acampamento, Clemente José foi procurado pelo sargento Prudente, para ir se apresentar ao Capitão, o qual lhe havia perguntado se não sabia de um soldado de sua companhia, que fosse católico praticante. Ele havia se lembrado do mesmo, porque o via ir à Missa e

convidar os companheiros para a reza do terço na barraca. Ele mesmo não praticava a religião. Foi procurar o capitão, que ficou muito satisfeito, quando trocaram idéias, em meio a outros oficiais. Foi incumbido de arregimentar os soldados católicos que encontrasse no Destacamento, para prepará-los para uma Santa Comunhão geral, no dia 19 do mês de novembro. Acontece, que antes de cumprir a tarefa, veio ordem de seguir para Colonia Mallet, o que se deu no dia 12. Contudo, conseguiu levar um sargento, no dia 11, a fazer sua 1ª. Comunhão, declarando o mesmo, ser o dia mais feliz de sua vida. Clemente agradeceu à Nossa Senhora por lhe ter dado este prazer de ser seu instrumento e apóstolo do Senhor.

Seguiram para Colonia Mallet em viaturas a motor. Lembram-se que num bivaque, apanharam a tiros, um porco que vagava por perto. Esfolaram-no, retalharam-no e prepararam. Foi devorado logo, não restando nem mesmo o toucinho. Dias após, deu-se o primeiro encontro com os rebeldes, na Serra dos Medeiros. Estes homens, que em agosto haviam fugido de São Paulo, apanharam a estrada de ferro até as margens do rio Paraná, e desceram até sua foz em Iguacu. para desta forma aventurar sua vitória sobre as forças leais ao Governo do Presidente Artur Bernardes. Encontro perigosissimo.

Vagando, em uma folga, sobre as pedras do rio Adelaide, Clemente lembrava-se com saudade de sua terra.

Fazia dias, semanas, que não se encontrava sequer um rancho, uma casa ou sinal de gente. Tudo sertão, puro sertão. Só se avistava pinheiros e mais pinheiros. O céu azul e uma estrada mal cuidada, serpenteando por baixo. Em certa noite, mais ou menos no sopé da serra, dando sentinela, falavam Clemente e o sargento Mafra, contando histórias, lembrando o passado, sob as estrelas, e ouviram uma onça rugir. O sargento lhe disse gostar de sua prosa.

Mas o que é que um moço de sua idade podia conhecer?

Na noite seguinte, um perigoso encontro os fez recuar. A noite era escura como breu. Esbarrou em mulas carregadas de munição. Sentiu medo. Dias após, aquém de Formigas, foi designado para guarnecer uma peça de artilharia de montanha. Em dado momento, passaram soldados carregando um morto. Quem é? É o sargento Olímpio do 13º BC. Uma bala certa na cabeça e o sargento sucumbiu, na trincheira ofensiva aos rebeldes. Um herói! Agora, os episódios mais dramáticos: no dia 8 de dezembro, muito Clemente lembrava de seu torrão natal, Angelina, que nesse dia realizava sua maior festa, na Gruta da Imaculada Conceição. E foi este sempre seu maior alento e esperança: "voltarei para ver a Nossa Senhora de Lourdes na Gruta de Angelina". Atribue a Ela o fato de ter voltado vivo e ileso daquela infernal luta! Senão vejamos: no dia 9, cautelosos, a companhia avançava na ofensiva, por entre serrados e arbustos. De repente o encontro esperado. Uma sarivada de metralhadora os punha em posição de ataque. Fogo! E deitados rente ao chão, atiravam a esmo. Cessar fogo! Foi a ordem do tenente Cabral, filho de Laguna. Que soldado vibrante de coragem! Em pé, comandava o pelotão. Procurar trincheira individual! Fogo! Serrar fogo! O inferno parecia desencadeado. O pipocar das metralhas, a detonação dos fuzis. Que luta patri-

cida! À sua direita um soldado se conteria, detrás de umas pedras que conseguiu colocar à guiza de defesa. Fez menção em abandonar a sua e correr para a de Clemente. Êle de cá, fazia gestos, com a coronha do fuzil, que o expulsaria se tentasse se aproximar, pois que cada um procurava defender o seu pêlo, o quanto possível, em seu abrigo individual. À esquerda, um sargento encostado em uma árvore, conseguiu colocar à sua frente, regular pedra. Os dois da direita e esquerda de Clemente, pareciam estar na mira de uma metralha. Êle rezava. Muita gente rezava, sabe-se. Não bastasse o ensurdecedor troteio, havia o quebrar de milhares de galhos de árvores atingidos, a cair. Que horror! Valha-nos Deus e Nossa Senhora! Cessar fogo! Vamos averiguar o estrago na tropa! A uns 20 metros à esquerda, escutou choro. Que é? É Pedro Fritzen, que foi baleado nos intestinos. Levado às pressas à Mallet, não deu tempo para atendê-lo, e o soldado Fritzen, de Santa Filomena, aquele que correu da trincheira para dentro da Igreja da Glória de Cambuci, em São Paulo, morreu. Naturalmente que de hemorragia intestinal. Êle, que em casa deixou sua mulherzinha grávida do primeiro filho, e, que dias antes, havia recebido carta dando-lhe a nova de que era pai, e deu para Clemente ler e responder. Deitado de bruço em cima da muchila, o companheiro escrevia o que êle, debaixo de lágrimas, ditava, pois sempre repetia que não voltaria vivo dessa refrega. Morreu sem saber por que lutou. Um herói anônimo. Esquecido talvez, de todos, menos de sua família, que após a baixa, Clemente encontrou chorosa, pedindo-lhe pormenores sobre a tragédia que lhe roubou a vida.

Sem vencidos de lado a lado, voltou-se ao acampamento. Naquela noite ficou de sentinela, junto com outro companheiro, um tanto afastado do centro do acampamento. Em dado momento, escutaram uma onça rugir bem perto. A noite era simi-clara, de fraco luar. Chamaram os dois soldados que iam rendê-los, pois estava na hora, e, os quatro, de dedo no gatilho, enfrentaram o animal, o qual presentindo a aproximação, fugiu.

Dias após, pelo flanco direito, por longa e tortuosa picada, aberta à facção, foram desalojar o inimigo de sua posição. Isto aconteceu na véspera de Natal. Um dia fatidico! A patrulha de averiguação, escolhida e designada para este fim, pelo tenente Prudente, um moreno alto, 7 homens, contando com Clemente, foi cautelosamente avançando. Ele teve uma intuição: pelo jeito, naquele descampado. Devagar, devagar! O pelotão que, pela ordem e disciplina militar, comandado pelo mesmo tenente, deveria ficar distante pelo menos 20 metros, vinha se aproximando até bem pertinho. De repente: Oh! Olha uma sentinela deles correu detrás daquele pinheiro, para avisar sua trincheira de nossa aproximação! — “Que nada, grita o tenente, agora já encostado à patrulha. Covarde! Aquilo é gente nossa, avançando já por lá! Ele não havia terminado a última frase, e o pipocar das metralhas e fuzis despejou uma saraivada por cima de suas cabeças. Se tivesse abaixado um pouco mais a alça de mira, não tinha escapado ninguém. Agachados ao chão, com receio de levantar sequer a cabeça, recuam rastejando. Debandada completa. Cada qual procurando defender seu pêlo. Mais à retaguarda, conseguiram chegar a uma grande vala formada pela erosão do tempo. Defesa completa e natural. Ouviam-se mais tiros à retaguarda Cercados de dois lados pelo inimigo. O que

fazer? O tenente iludido, encontrava-se também na vala que era bem grande e espaçosa. Um soldado vinha recuando. Ia passar. O tenente interrogou, dizendo:—“Para onde vai, cabo Travaglia”?—“Recuar. Inimigo à retaguarda”, foi a resposta. Outro soldado vinha chegando. Era Severino Rovaris.—“Para onde vai? Gritou novamente o tenente”.—“Recuar. Disse o soldado—“Que nada!” Troveja o tenente. “Vá tomar posição na linha de frente”. O coitado do soldado subiu o barranco, e ato contínuo, sestou sua metralha marca M e puxou o gatilho e, Brrr.... Em frente, à esquerda. Debaixo da boca da metralha, sem que se visse ou percebesse, escondido na macega, estava o soldado João Lemos, de Laguna. Quando este escutou a metralha cuspidando fogo sobre sua cabeça, saiu como louco e chegou para junto do tenente, bufando de raiva, esbravejando, branco como lençol, de susto, é claro. O tenente ficou desapontado. Olhou enfim, para Clemente, que a tudo tinha assistido. Clemente fez o mesmo. Olhou fundo em seus olhos. Continuaram a se fitar. Creio que o tenente leu em seu olhar toda a raiva, ódio mesmo, que estava nutrindo por ele. Não falou. O outro estava armado e pronto. Em tal circunstância, era capaz de um desatino. De repente o tenente desapareceu, e não se lembra de um dia tê-lo visto novamente.

O soldado Adolfo Laurindo, de Gravatal, recuando com Clemente, caiu atrás de um pinheiro tombado, e, ai mesmo, ele puxou no gatilho de sua metralhadora Octehkis. Na sua afobação e nervosismo, não havia observado que sua arma estava descarregada, sem o pente de balas, portanto. O amigo chamou-lhe atenção sobre a falha, ainda dizendo que não adiantava lutar contra aquele pugilo de rebeldes, os quais estavam naquele alto, combatendo o 7º BC de Santa Maria, que até estas alturas guarneciam a sua retaguarda.

Um grave acidente de cálculo: a artilharia de montanha não calculando eficientemente o avanço sobre os rebeldes, julgando proteger os seus, na verdade, deixou cair diversos projéteis sobre o pelotão que avançava. A telefonia de campanha, ao que parece, não funcionava à contento, motivo porque demorou a chegar até lá o mensageiro que notificou o equívoco. Até então, aconteceu que diversos disparos explodiram perto. E um desses teve um desfecho fatal. De Itajaí-Mirim, de um lugar chamado Jararaca, no hoje município de Ituporanga, em nosso Estado, dois rapazes, irmãos Virgílio e Lauro Rosa, serviam no 14º BC. Virgílio o mais velho parece, em posição de ataque, recebeu em cheio, um disparo de artilharia acima mencionada, que esfacelhou-lhe as duas pernas. Que horrível! Pedaco de um pé, dentro de um sapato, foi visto por Clemente. Pedido dele antes de desfalecer:—“Diga ao capitão que retire meu irmão da linha de combate, por que é o único filho que resta à seu pai”.

Retiraram-se pelo único flanco livre. Foram se esquivando por meio de uma queimada, em cujas cinzas viam cuspir as balas, provocada pelos rebeldes, que procuravam obstruir a retirada. Neste recuo, encontraram o valente Albundio Guizani, de pé, peito aberto, atirando contra o grupo de rebeldes em luta com o 7º BC. Convidaram-no para desistir desta aventura, expondo-se a um perigo de morte. Sua resposta: “Eu quero lutar”. Das árvores abatidas para a queimada, algumas haviam caído num córrego que ali passava, formando uma cascata. Em certa altura,

um poço, onde árvores soltas se depositaram com as enchurradas. Era ali o único local de travessia. Como gatos, pularam de galho em galho, até alcançar a margem oposta. Lá, pequeno riacho descia de uma serra. Deitado no barranco do riacho, o cabo Travaglia, em forma de ataque, descarregava o seu fuzil. Advertido por Clemente, que só podiam servir de alvo, desistiu. Perigo eminente. Só restava rezar. Balbuciou uma Salve Rainha. O cabo, mais tarde, perguntou que oração era aquela feita por ele naquela hora. Retiraram-se dali, subindo o riacho. Foi quando encontraram Abundio, suspenso um braço que sangrava, trazendo no outro o fuzil e o bernal. Disse Clemente: — “Dá-me cá o bernal”. Negou-se.

Subindo a serra pelo matagal, constituído principalmente por arbustos tipo xaxins e taquara, pelos estalos de quebra-quebra da vegetação, compreendia-se que muitos eram os que, em debandada, procuravam escapar ao cerco dos rebeldes. Chegaram ao cume do morro, tendo em uma mão os poucos pertences para combate, e com a outra segurando o culote que sentiam cair, pois o estômago estava vazio, a fome apertava, sendo que já eram altas horas da tarde daquela véspera de Natal de 1924, e tinham se alimentado só pela manhã, com umas bolachas e uma chicara de café. Encontraram, finalmente, uma picada que dava para Formigas. Uma sentinela do Regimento da Cavalaria do Rio Grande do Sul, dava guarda na linha de frente. Percebendo aproximação de soldados, correu e avisou a trincheira. Foi pedida ao sargento, que surgiu à frente, a senha do dia. Tudo pronto para o ataque, caso fosse o inimigo. Passados para trás dessa trincheira, foram ao improvisado acampamento. Numa escavação de regular fundura, numa mesa improvisada, um médico do Exército atendia os casos mais urgentes. Esta sala de curativos improvisada, era guarnecida por grossos xaxins peludos. O companheiro de Clemente, José Coelho, de Angelina, adoecera, sentindo-se mal, não sabendo o amigo o que era, nem o que fazer e o que lhe dar. Em tal apuros, vendo sofrer aquele que não queria perder, foi até a cozinha de campanha e pediu por misericórdia, ao cozinheiro, que arranjasse um pouco de açúcar, expondo-lhe seu caso. Ele titubiou um pouco, mas acabou atendendo. Com aquele material, fez um sorvedouro que José tomou, sentindo-se melhor, até que de manhã, pois que era noite, estava completamente bom. Graças a Deus!

Naquela noite chovia. Na barraca, armada em pequeno lançante de terreno, a água escorria para dentro. Com uma picaretinha de campanha, cavaram ao redor, pequena valeta. Mesmo assim, a água passava. Fizeram então uma cavidade dentro da barraca, que coletava a água, acumulando-a. A covinha enchia e eles tiravam a água para fora com canequinha, até a chuva passar. O dia amanheceu e passou sem grandes novidades.

Era Natal. Um Natal porém todo diferente daqueles Natais acostumados a passar em casa, em meio dos pais, irmãos, alegrias e gulodices. As saudades corroendo na alma de cada um, baixando seus ânimos.

Para quebrar o tédio, cantavam a seguinte canção:

*“Estes versos tão sinceros, minha bela, meu amor
Pra você eu vou cantar o sofrer da minha dor.
Eu sou como o sabiá, quando canta é só tristeza
Desde o galho onde está. —*

*Estou aqui nesta serra em barraquinha beira-chão,
Toda cheia de buracos onde a lua faz clarão.
Quando chega a madrugada, lá na mata a passarada
Principia o barulho. —*

*Aqui no mato tudo é triste, desde o geito de Jalar,
Quando pego na viola dá vontade de chorar.
Não tem quem canta alegre, tudo vive padecendo
E cantando para aliviar. —*

*Vou parar com minha viola, já não posso mais cantar
Ao soldado quando canta, dá vontade de chorar.
E o choro vai saindo, devagar vai se sumindo
Como as águas vão para o mar. —*

Estr.: *Minha viola toca e canta de verdade,
Cada toada representa uma saudade.”*

Na noite do dia 26, foram escalados, os quatro companheiros da barraca, para dar sentinela em picada que dava no acampamento rebelde. A noite era escura como breu. A rendição de um para o outro, era, como de praxe, de duas em duas horas. Mas como saber a hora de render nesta escuridão? Clemente era o único que possuía um relógio. Mas como ver a hora, se era expressamente proibido riscar um fósforo? (se é que este existia!). Acharam uma solução ideal. Vagalumes vagavam de um lado para outro. Apanharam um exemplar e o colocaram numa caixa de fósforo vazia. O animalzinho se amoitou, ajeitou-se acomodando-se. O relógio era sempre entregue ao sentinela de plantão. Este, quando julgava chegada sua hora, abria a caixinha, dava uns tapinhas no bichinho para acordá-lo. O vagalume acendia os dois faróis e o relógio era colocado em sua frente, ficando os ponteiros e o disco iluminados como por holofotes de 200 kws.

Dias depois, mudança de posição e marcha para frente. Os rebeldes também tinham mudado sua posição, recuando alguns kms. Atrás de si, tiveram o cuidado de destruir a ponte de madeira, por cima do rio Adelaide. Ficava um pouco além da localidade chamada Formigas. Ali encontraram um pobre velho num casebre de palha e pau-a-pique, com um cachorro muito magro. Bem, na sua vida nunca viram tanta miséria em duas criaturas, uma racional e outra irracional, e se amando tanto. O comando lhes deu alguma razão. A engenharia do Exército se encarregou de deixar a ponte em estado de travessia, ainda que improvisada e de emergência. O QG foi montado na localidade chamada “Roncador”. Diga-se de passagem: as localidades só tinham nome. Casa não possuíam, pelo menos, não foram vistas. Dias, semanas, talvez meses, passaram sem ver mulher. Um dia apareceu uma. Foi um júbilo geral. A mulher, uma cabloca maltrapilha, lembrava a todos, ainda que figurada, sua mãe, talvez sua irmã, sua noiva ou namorada.

Depois de estabelecidos em Roncador, com barracas de campanha, cozinha de acampamento e tudo mais, foram mandados para trincheiras, sempre em perseguição aos revoltosos. Acontece que certo dia, o comando determinou um avanço pelo flanco esquerdo da posição do inimigo. Quase, quase foram apanhados por eles, de surpresa. Ai valeu a patrulha, que cautelosa, examinou o terreno e avistou, tendo em vista sua desfavorável situação. Noite chuvosa e extremamente desconfortável.

Passaram dias e mais dias entrincheirados. Não sabem por que razão não lhes chegava o farnel. Deixando a trincheira, com ordem de voltar ao acampamento, Clemente sentiu fome, muita fome. No acampamento, procurou a cozinha. Nada arranjou. Como os cozinheiros Vitério Zapelini e o soldado Maganini, ambos de Criciúma, estavam cortando a carne cozida, sem sal, dos ossos, para preparar a chamada farofa, jogavam fora os ossos semi-pelados. Observando aquilo, puxou do canivete e foi procurar encontrar um pouco de carne deixada por descuido, nos ossos assim jogados. Encontrou bastante, e mesmo insonsa, comeu um bom bocado. Procurou a barraca de campanha e improvisou uma cama. Não levou muito tempo, um mal súbito o atormentava. Piorando rapidamente, procurou o médico de campanha. Seu estômago parecia estourar de entumecido. Um remédio branco em um copo de água (bicarbonato), que não conhecia, foi-lhe dado pelo médico, após ter examinado seu estômago, que muito doía. Resultado: com a ponta de um lenço, provocou vômitos. Foi sua sorte. Desarranjos intestinais por alguns dias. Por ordem do médico, pode ficar no acampamento. Como Deus escreve direito por linhas tortas; diz um adágio. Achou isso uma sorte. Porque? É que os outros companheiros seus foram mandados à linha de frente. Combates renhidos lá se travaram. Improvisou-se, perto do acampamento, um cemitério que, mau grado, foi se enchendo rapidamente dia à dia. Estavam às vésperas da Quaresma. As sentinelas da linha de frente de ambos os lados, não se sabe por que artimanhas, na calada da noite, pelo ar rarefeito da noite e da floresta, tiveram, na distância, um diálogo. Naturalmente que foi de queixas e de cansaço. Daí resultou o comando dos rebeldes mandar mensagem solicitando rendição. Como nosso chefe supremo General Rondon, se achava na cidade de Guarapuava, foi solicitado que aguardassem a chegada do mesmo, que não demoraria muitos dias para regressar.

Descontraídos, na trincheira, pelos boatos de cessar fogo até segunda ordem, os soldados, na manhã de Quarta-feira de Cinzas, foram atacados de surpresa. Houve então combate de corpo a corpo, de baioneta calada e tudo mais. Perdeu-se muitos soldados. Clemente encontrava-se no acampamento, em convalescença.

Também havia os que procuravam se escapar da linha de frente. Isto não é de se admirar, pois a briga, ainda que por motivos óbvios, era entre irmãos da mesma Pátria. Um dia, o tenente-chefe do acampamento, mandou tocar reunir, procurando saber quem estava sem ter o que fazer, para então mandá-los à trincheira. O encarregado das baias (o que cuida dos animais, muares que carregam os cunhetes de munições), foi logo dispensado. Era o amigo e conterrâneo Huberto Hoffmann, de Águas Mornas. Aqui, Clemente fez uma jogada venturosa. Juntou-se a Huberto e foram ver os animais dispersos pelos matos. O acampamento ficava em

uma grande clareira. Em relativa distância do acampamento, achavam-se roças de milho plantadas pelos poucos cablocos dispersos naquele sertão. O milho estava em ponto de assar ou cozinhar. Acharam uma abobrinha verde que logo cozinham em panelinha de campo, e mesmo sem sal, a devoraram. As roças de milho descobertas, de tamanho regular, não duravam mais que dois dias, no máximo, sumindo devoradas pela soldadesca em vadiagem. Os animais também devoravam ávidos, tudo o que encontravam pela frente, inclusive as roças.

Clemente apanhou um bom saco e o levou até a barraca do acampamento, onde foi cozido e distribuído mesmo entre os oficiais, que lá por acaso se encontravam. Antes porém, encontrou um pinheiro oco, caído, onde alguém havia ateado fogo, formando no oco verdadeira fornalha. Com longa vara, na ponta uma espiga, assava-se, virando sempre, até que após uns minutos se recolhia a espiga tão bem assada que, com aquela fome, parecia que nunca se experimentara coisa igual.

Procuravam tudo o que se podia comer, ainda que por gulodice. Por isso, diversas vezes por dia, escutava-se o tombo de algum gigante da florestata (pinheiro), para colher o pinhão, pois que ainda não estava amadurecido para a queda natural naquele mês de março.

Clemente contou Huberto que tinha tido um companheiro, grande amigo, por nome João Desân, o qual, no combate de véspera de Natal, deve ter morrido ou desaparecido, pois que ninguém mais o viu ou dele soube alguma coisa, até hoje. Quem sabe foi preso pelos rebeldes naquela ocasião? Pode ser!

No acampamento, os dias se sucediam. O que mais incomodava era o grande enxame de moscas que se reproduziam aos milhares nos restos e detritos dos muitos animais que lá se carneavam todo dia, jogando os restos em uma grande vala aberta, que no entanto não era logo coberta de terra.

Como Clemente não tinha o que fazer, pois que voluntariamente não se expunha ao perigo, procurou um divertimento. Encontrou um nó de pinho e, com alguma ferramenta encontrada na cozinha, rachou o nó em achas à quisa de taboinhas. Isto feito, beneficiou-as com canivete e vidros quebrados, até torná-las herméticamente iguais, na grossura e largura. Depois, marcou nelas, com ferrinho em brasa, os números de contagem. Enfiadas na muchila que em São Paulo havia sido pilhada de seu conteúdo, trouxe-as assim até em casa, onde cuidadosamente as cortou com afiado e fino serrotozinho. Alguns desses dados escaparam do extravio, nos conturbados dias de mudanças, diversas vezes feitas depois de casado, e, se acham hoje guardados, juntamente com um estojo de granada de 00,75mm, como verdadeiras reliquias.

Nestes dias, aconteceu que o inimigo encontrou uma via de acesso à localidade de Formigas. A retaguarda, mal guarnecida pelo nosso pelotão de fuzilaria, foi facilmente tomada. Contorno não existia, pois que a estrada era uma só. A solução, aliás a única solução, foi atacá-los. Agora é que é! Inimigo em duas frentes! Os oficiais, em número nunca visto, apareceram no acampamento. Naturalmente houve Conselho para

deliberações. A ração foi racionada. Sim, não vinham mais bois para o abate, nem outras mercadorias para o sustento da tropa, cujo número nunca foi apurado, mas calculado em algumas centenas. Meia conchinha de feijão, meia colher de farinha, um pouco de arroz, era tudo ao meio-dia. O inimigo porém também ficou com duas frentes de combate, pois que das trincheiras foram deslocados homens para o ataque à retaguarda. Isto durou no máximo 24 horas. Porque do outro lado de suas posições, nossa gente também os atacava. Tempo este que chegou para que os revoltosos pilhassem tudo o que podiam carregar do armazém de campanha aí instalado, como também os animais para o abate, vindos dos campos de Guarapuava, e que aguardavam sua vez. O pior: tudo que não puderam carregar, incendiaram e mataram, deixando atrás de si, verdadeira devastação. Cinzas e cadáveres de animais. Esta foi uma refrega sofrida por nossas tropas.

Uma história humorística também cabe aqui; foi nesta ocasião, que soldados caçaram um lagarto, o qual foi logo esfolado, preparado e devorado com avidez.

A luta na linha de frente continuava renhida. Após mais umas semanas, uma tropa de cavalaria do Rio Grande, penetrou, à alguns kms da Foz do Iguaçu, na retaguarda das tropas rebeldes, entrincheiradas em luta contra nossa gente.

Foi o golpe mortal a tanto tempo esperado. Levou todo um dia para revistar e desarmar, um por um, os 350 prisioneiros, militares e civis, estes em grande parte facinoras soltos das prisões em São Paulo. Passados para a retaguarda das trincheiras legalistas, foram escoltados e conservados fortemente guarnecidos. Clemente foi despertado cedo, neste dia, no barracão de campo onde dormia, à beira do caminho, com um batucar estranho. Era uma grande tropa que cruzava, mista de legalistas e revoltosos escoltados. No outro dia, cedo, o capelão do Exército rezava uma Missa campal, assistida por todos, no centro do acampamento. Agora é levar os prisioneiros escoltados e vigiados, dia e noite até Curitiba. Só a marcha a pé, levou 16 dias até a estação férrea, em Iraty. Na passagem por Formigas, viram esqueletos dos animais sacrificados e a devastação deixada pelos invasores. Em Roncador, o sargento Bernardino tirou uma foto de uma pequena turminha, inclusive Clemente, sentados em cima de um pinheiro tombado, que ele nunca conseguiu obter.

Na cidade de Guarapuava, passaram bem por fora, pois que a tropa estava tão maltrapilha, tão maltrapilha, que não tinha condições de apresentação. Estropiada, extenuada e extremamente exausta, a soldadesca caminhava aos tropeções e devagar. Idem os prisioneiros. Grande parte, nem calçado mais tinha. Clemente tinha uma camisa a mais, que deu ao companheiro que já não tinha. Seu irmão Arnaldo, de Jaraguá, tinha-lhe mandado duas camisas de pelúcia. Sim, a maioria dos soldados só tinha mesmo um paletó, com aparência de túnica, ou um culote em frangalhos. Clemente trazia consigo um colete de um terno de casemira, que muito se usava naquele tempo, e o levava junto desde o Quartel em Florianópolis. Este colete ficara tão marcado de excrementos de muquirana (piolho de campanha), que muitos anos a mãe o guardou como reliquia.

Chegados à Iraty, um comboio extra os levou até Curitiba, onde foram provisoriamente aquartelados no 15º BC. Clemente trazia numa caixinha de papelão, todas as cartas recebidas de casa e de amigos, e todo um diário anotado em pedacinhos de papel, onde registrara os acontecimentos mais importantes do dia a dia, durante a campanha. Acontece que, tendo colocado a caixinha no porta-malas do vagão, ao desembarcar, esqueceu-se dela. Estando como cabo de esquadra, já colocado fora, à frente de uma esquadra, para marchar até o 15º BC, lembrou-se da caixa que, em seu interior, trazia em manuscritos, como que um tesouro, todo um grande trabalho sobre a campanha.

Pediu então ao tenente-chefe do pelotão, Prudente de Moraes, o mesmo do episódio da vala, no dia 24.12.24, que o deixasse voltar ao trem, ainda parado, para apanhar o esquecido. O pedido foi negado, alegando que poderia voltar depois da chegada ao Quartel. Clemente havia contraído um tumor em cima do pé esquerdo, que o atormentava cruelmente. Chegados ao Quartel, imediatamente voltou, mesmo mancando muito, já com dificuldades de caminhar. Ao lá chegar (na estação), que decepção! Nem o trem, nem sua preciosa caixinha. O que fazer? Todo um trabalho de meses perdido! No outro dia após a chegada ao 15º BC, logo um comboio extra os transporta à cidade de Paranaguá. Os rebeldes ficaram entregues ao 15º BC, e de lá foram levados à Ilha das Cobras.

A descida da serra, um espetáculo deslumbrante, um panorama dos mais belos que se possa imaginar. O trem deslizando por sobre penhascos, como que suspenso no ar, desfiladeiros incrivelmente à prumo, enfim, parecia mais uma viagem turística do que a volta para casa. Chegados à cidade-porto de Paranaguá, um vapor os esperava no cais. Clemente mancava forte, apoiado ao ombro de um companheiro, pelas ruas, até chegarem ao trapiche e subirem no navio. Curiosos e curiosos chegados às portas e janelas das casas, por certo comentavam: - Lá vai um mancando, naturalmente ferido em campanha. Coitado! Não era no entanto um coitado, mas sim um feliz filho que voltava vitorioso à sua terra, à sua casa, à sua gente, à seus pais e irmãos, dia este, por longos e penosos meses, tão ansiosamente esperado. Até que com estes pensamentos, que inundavam seu coração, as dores do pé pareciam amenizar, já quase não as sentia. Após horas sulcando o mar, de Paranaguá à Florianópolis, chegaram ao seu destino. No cais do trapiche da firma Hoepcke, o mesmo onde à nove meses passado, embarcaram, um tanto tacanhos e tristes, a chegada foi quase triunfal. De sua família, apenas o senhor Alfeu Tolentino de Souza, casado que era com sua prima Leocadia Steffen, sogra do General Paulo Webber Vieira da Rosa, popularmente conhecido em Florianópolis, como ex-prefeito, atualmente. Estas memórias são escritas hoje, depois de passados 50 anos, deixando um mixto de saudades e satisfação.

Dado o problema do seu pé, para que ninguém o pisasse e machucasse ainda mais, foi o último a desembarcar. Seu primo Alfeu o esperava com ânsia, procurando vislumbrá-lo entre os muitos que desembarcavam. Como demorou a aparecer, notando os últimos a desembarcar, veio-lhe um pensamento sinistro:—Quer ver que ficou! Não veio e lá morreu! Por fim, devagar e mancando, o rapaz esperado apareceu no con-

vés para o desembarque. Afluiu ao cais grande massa de populares, entre parentes e curiosos. Clemente e seu primo se abraçaram fortemente, e dado o seu estado deprimente, com o pé a doer, pediu ao capitão Guerra, que o deixasse ir com o primo. Lá em sua casa, curaria o pé, sem necessidade de baixar ao hospital. Dada a euforia do momento, o capitão nem pensou muito e cedeu. Foi chamada incontinentemente uma charrete, e pac-pac-pac-pac, pela Conselheiro Mafra, sobe pela Praça 15, entra na Ouro Preto, circunda a praça, hoje Getúlio Vargas, mais a rua Almirante Alvim, até a praça Benjamim Constant, onde residia seu primo. Sua prima Leocádia o acolheu com carinho, com suas encantadoras filhinhas. Entre elas a hoje senhora do general Paulo Webber Vieira da Rosa, dna. Tilinha.

Quem mais cuidava de Clemente, levando inclusive no seu leito de convalescente as refeições, era a Emilia, mais chamada pelo apelido de Lia. Ficou na casa desta família um mês e dias. Seu primo nada queria cobrar pela acolhida e estadia, mas o pai de Clemente procurou recompensá-lo pelo belo gesto, mandando-lhe frutas, especialmente maçãs e outros produtos de sua lavoura, em compensação,

Capítulo seguinte: curado Clemente, saiu daquela casa e foi ao Quartel, onde o aguardava sua dispensa do Exército. Recebeu baixa, com caderneta de 1a, categoria, como cabo de esquadra, promoção esta por atos de bravura, conforme consta em boletim.

Brioso e satisfeito consigo mesmo por ter cumprido seu dever, dever de patriota, foi para casa, rever os seus que tanto fizeram, tanto sofreram quanto rezaram por sua volta. Ai! Que encontro inesquecível! Sua mãe, seu pai e irmãos. Seus tios e primos. Os prados. Os montes onde o gado pastava, nos quais ele com seus irmãos passaram a meninice e a juventude. Tudo respirava alegria, dentro e fora de casa. Depois do lauto almoço daquele dia, a mãe falou: — “Agora vamos cumprir nossa promessa. Todos a pé até a Sagrada Gruta de Angelina, em agradecimento à Santa pela milagrosa volta à casa paterna”. — “É verdade mamãe, um verdadeiro milagre! No outro dia, cedo, todos que podiam estavam à caminho até Angelina — 15 kms. Menos o pai e mãe que ficaram a cuidar da casa. Só Leonardo, seu irmão gêmeo, por se encontrar adoentado, foi à cavalo.

Ao lá chegarem, incontinentemente subiram, zigue-zagueando o morro da gruta que, em cada cotovelo do caminho, representava uma das 14 estações da paixão e morte de Nosso Senhor. As estações, talhadas em relevo, em pedras brancas, vieram importadas da Alemanha, compradas por doações da comunidade paroquial. Foram encomendadas por Frei Bulgar-do (alemão), em 1908, e chegaram à Angelina em carros de boi e nas costas de homens, em 12.9.1909, sendo inauguradas em 15.8.1911. Subiram cantando e rezando, conforme costume e tradição, até a esplanada defronte da magestosa e linda imagem da Virgem. Esta imagem, vinda também da Alemanha, em tamanho natural, foi benta e inaugurada em 1902, por Dom José de Camargo Barros, que veio a falecer mais tarde, nas ondas do Mediterrâneo, por ocasião do naufrágio do vapor “Sirio”.

Cumprida a promessa e cumprido o dever patriótico de soldado n° 963, do 14° BC de Santa Catarina, começou um novo capítulo: a vida particular de Clemente José Schmitt, o narrador destas memórias.



Após 50 anos de vida conjugal. Missão cumprida . . .
O casal Clemente José Schmitt se sentem feliz da vida.

OBSERVAÇÃO: Dias após estar em casa, voltei à capital com meu irmão Benjamim. Cruzado o estreito com a lanchinha (pois que a ponte Hercílio Luz ainda não estava totalmente pronta) e, chegado ao centro, meus companheiros, que haviam voltado do sul, onde com licença provisória haviam ido visitar seus familiares, me contaram uma grande e alegre novidade:—no dia anterior, havia chegado ao Quartel, João Dezân. Aquele que se extraviara no dia 24.12.1924, como ficou descrito acima. Encontrado na rua Conselheiro Mafra, foi logo contando sua aventura, ou desventura. Fora baleado na paleta, ao tentar atravessar ao pé do morro, em direção ao seu acampamento, pelos revoltosos que tentavam obstruir nossa retirada. As cicatrizes da bala que atravessara a clavícula do ombro esquerdo e roçara o queixo, êle no-las mostrou. Caira, ao ser alvejado quando dava meia volta, ao ser admoestado para parar. Tentaram matá-lo à coronhadas. Foram porém advertidos por um superior para não praticar tal delito. Levaram-no consigo. Após curado, prestou serviços na cozinha. Acossados os rebeldes e perseguidos até a Foz do Iguaçu, levaram junto nosso herói João que, passando com os mesmos para o lado da Argentina, procurou maltrapilho e esfomeado, até que conseguiu voltar ao lado de cá, onde se identificou com nossos oficiais, chegados que foram até lá. Após o que, foi recambiado até Florianópolis. Este companheiro eu o tinha como verdadeiro irmão. Por ironia de coincidência temos ambos a mesma data de nascimento: 25.10.1902.

PS: Os principais mentores e chefes deste movimento revolucionário foram; General Izidoro Dias Lopes, Tenente Cabana, Luiz Carlos Prestes e outros. Seus objetivos eram derrubar o governo de Artur Bernardes e em seu bôjo trazia a idéia de implantação do regime comunista no Brasil. Era Ministro da Guerra o General Setembrino de Carvalho. Sobre esta revolução muito pouco se tem escrito, creio eu, pois a maioria do povo brasileiro não se lembra e muito menos conhece este episódio. Conheço apenas um livro escrito pelo general Abilio de Noronha. Emprestei este livro e não mais me foi devolvido. Por isto não me lembro do título, apenas do autor, tendo sido escrito lá pelos idos de 1925 ou 1926. Estou vendo se encontro outra edição na biblioteca do Exército no Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro.

“São estes os acontecimentos que a meio século passado gravei em minha memória e me ficaram latentes no sub-consciente, e que agora passo à posteridade, para seu conhecimento. Muitos outros episódios terão passado em meu derredor, que já não mais me lembro. Mas estes, eu os registrei, para que, como creio, muitos brasileiros ou a maioria deles, da nova geração presente, saberem como transcorreu uma das muitas, senão maiores revoluções já registradas em nossa terra, o Brasil”.

Florianópolis, maio de 1974

Clemente José Schmitt

ANIVERSÁRIO DE BLUMENAU

Os 125 anos de Fundação de Blumenau, foi festivamente comemorado com várias cerimônias para as quais não faltou o entusiasmo e cooperação do povo.

Inicialmente, houve pela manhã, tocante cerimônia no Mausoleu onde se acham depositados os restos mortais do fundador e de sua família. A seguir houve o desfile dos Clubes de Caça e Tiro que garbosamente marcharam pela Rua 15 de Novembro com grande entusiasmo, sempre puchados pelas bandas de música de cada Clube.

Grande massa popular aguardava o desfile ao longo da Rua 15 de Novembro e não regatearam aplausos a cada Clube que passava, ostentando bandeiras do Brasil e de cada Estado Brasileiro, além de bandeiras vindas dos Estados alemães.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 30,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

CRÔNICA SETENTA E CINCO GENTE COM HISTÓRIA

A. SEIXAS NETTO

Meu bom Oscar Berendt, velho de guerra: Nesta nossa Ilha de Mei-embipe, dos "casos e ocasos raros", — como dizia o Poeta do Brejo, Marcelino Antonio Dutra, — e doa criadores de caso, como digo eu, tem cousas. Ora se tem. Mas deixemos, hoje, de lado certas anotações, deixemo-las para a Crônica seguinte. E sabes porque? Por que desejo festejar o recebimento d'um trabalho, dum livro.

A "Casa Dr. Blumenau" acaba de editar, em separata, o belo estudo do saudoso imortal da nossa Academia de Letras, José Ferreira da Silva, titulado **AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ**. O livro é separata da Revista mensal **BLUMENAU EM CADERNOS**, fundada e dirigida pelo magnifico José Ferreira da Silva, até a data do seu infausto passamento, e agora sob as orientações do bom Frederico Carlos Allende, figura apreciável de historiador e de literato. Digo-te que festejo o trabalho porque é em si mesmo, e por si mesmo, uma enciclopédia da Vida Geome-teorológica e Geocológica do Vale do Itajaí. Deveria o livro ser divulgado amplamente, para estudiosos e não estudiosos, de vez que *roteiriza*, a partir de 1851, as ocorrências de catástrofes no Vale decorrentes de cheias do Grande Rio. José Ferreira da Silva, com quem me dava como amigo de muitos anos e como par na Academia, era um espírito profundo de pesquisador e toda a Vida e História de Blumenau decorre do seu trabalho. E, pode dizer-se o organizador, o ordenador, o divulgador da História de Blumenau e do Vale do Itajaí. Foi-nos o Zé Ferreira, como o chamava carinhosamente roubado em trágico acidente automobilístico ocorrido em 30 de dezembro de 1973; mas ficou na memória de muitos, talvez de todos os catarinenses estudiosos; e a sua obra, de anos e anos de pesquisa, é hoje continuada pelo Frederico Carlos Allende, que dirige Blumenau em Cadernos, pelo Hercilio Deeke, pelo Edison Müller, pelo Elimar Baumgarten, pelo Rolf Ehlke, pelo Nelo Osti, pela Isolde Hering d'Amaral, pela Christiana Deeke Barreto, que dirigem a Fundação "Casa Dr. Blumenau". Mas, Oscar, há uns quatro anos, quando o José Ferreira da Silva elaborava seus preciosos estudos das enchentes no Vale do Itajaí, estava eu escrevendo também um pequeno livro com o título **GEOECOLOGIA ATMOS-FÉRICA**, e ele sempre insistiu que queria publicar o mesmo em seus Cadernos de Blumenau. Passados anos, após terminado o trabalho, estou cumprindo o compromisso com o José Ferreira da Silva e o Frederico Carlos Allende está publicando em capítulos, no **BLUMENAU EM CADERNOS**, o livro. Certamente após isto eu o publicarei em pequeno volume. Assim, festejo a saída do livro do saudoso José Ferreira da Silva.

Convém, Oscar, velho de guerra, que não esqueçamos os firmes balaústres da nossa cultura. Convém, repito, que a eles refiramos sempre para que as gerações que chegam não tenham desconhecimento do passado

histórico e dos homens que fizeram a história desse passado. Nada mais terrivelmente vazio que um povo sem tradição, sem história, sem passado. E não nos deixemos esvasiar de história, de tradição, de passado, para não ficarmos sem voz, sem som, sem harmonia.

Conservemos nossos antigos, escutemo-lhes as vozes, que vêm pela arte, pela ciência, pela poesia. E recordo-te, Oscar, o poemeto que fiz faz tempo, como bom seresteiro:

Nossas almas murmuram nas sombras
do Tempo que flue
sobre o rio do Tempo
rumo ao Oceano
sem praias do Infinito.

Nossas almas murmuram nas sombras
das dimensões para além da Matéria
resíduo de energia condensada.

Nossas almas murmuram nas sombras
para muito distante do Espaço
da Terra, das Estrelas, dos Mundos.

Nossas almas murmuram nas sombras
das madrugadas universais
no ondular perene do Infinito.

Estrelas,
Terras longínquas, mito?
Ó que mundos de fado tão diverso
São as lágrimas de dor do Infinito
Escorrendo nas faces do Universo.

Nossas almas murmuram nas sombras
o choro de luz
da alegria Universal.

E dai, Oscar, velho de guerra, estamos falando de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, Mei-en-bipe, meu amor. Donde querias que fosse? Da Ilha do Timor? Ou de Rodes?

Lido, na Secção Crônica de A. Seixas Netto, por Oscar Berendt, às 22,45 hs., Rádio Guarujá, Florianópolis, dia 20/3/75.

BLUMENAU EM CADERNOS NOVOS ASSINANTES

Em virtude de se acharem esgotados vários números do Tomo XVI, ano 1975, assinaturas novas, somente serão aceitas, para o ano de 1976, Tomo XVII.

Assinaturas para o exterior, passarão a Cr\$ 30,00 anuais.

A DIREÇÃO

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
O Mensário "O LEITOR"
Tipografia e Encadernação
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —
Isolde Hering d' Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Um conjunto de vida, cores e muita alegria



 malhas
Hering

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau - SC